

A cidade e a produção de conhecimentos histórico-educacionais: aproximações entre a Campinas moderna de José de Castro Mendes e a Barcelona “modelo”

Fátima Faleiros Lopes *

Resumo: A investigação diz respeito à temática da cidade na relação com o processo de expansão da modernidade capitalista, assim como com os conceitos de história, memória e educação. O eixo teórico-metodológico é a questão da produção de conhecimentos histórico-educacionais. Analiso a inserção social do intelectual José de Castro Mendes (1901-1970) em Campinas-SP, bem como as visões desta cidade por ele elaboradas e divulgadas na imprensa local, no início da década de 1960. Estabeleço aproximações entre Campinas e Barcelona (Espanha) pertinentes à construção, nestas duas cidades, da concepção de cidade moderna e, no caso de Barcelona, também de cidade “modelo”. Interessa-me investigar as potencialidades histórico-educacionais contidas no espaço urbano, sendo este enfocado como patrimônio cultural.

Palavras-chave: Cidade - Modernidade - Produção de conhecimento

Abstract: This investigation is focused on a city and its relation with a modern capitalistic expansion process, as well as the concepts of history, memory and education. The theoretical-methodological focus is on the issue of the production of historic-educational knowledge. I analyze the social inclusion of an intellectual, José de Castro Mendes (1901-1970), in Campinas, S.P., as well as the visions he described of this city, which were published by the local press in the early 60's. I establish a relation between Campinas and Barcelona (Spain) regarding the development, in these two cities, of the modern city concept, and for Barcelona, also the concept of a “role model” city. I am interested in investigating historic and educational potentials included in the urban space, which is focused as a cultural patrimony.

Keywords: City - Modernity - Knowledge production

A temática das cidades constitui-se ao longo dos últimos anos em um campo de estudos e em eixo estruturador de propostas educacionais que procuro incorporar no meu trabalho.¹

* Doutora em Educação, Faculdade de Educação da Unicamp, CAPES (PDEE).

¹ Há dezenove anos sou professora do ensino fundamental, tendo atuado tanto na rede pública (1988-1992) como na particular (1992 e desde 1996 na Escola Comunitária de Campinas) enquanto professora de História e Geografia. Nos últimos anos tenho participado de propostas de trabalho relativas à educação patrimonial, no diálogo com as contribuições, sobretudo, de Walter Benjamin, e desenvolvidas junto ao Grupo “Memória, História, Educação” (Faculdade de Educação da Unicamp, sob a coordenação da Profª Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani) no âmbito da educação não-formal. No âmbito acadêmico, a pesquisa, em nível de mestrado (defendido em 2002 na F.E.- Unicamp, sob a orientação da Profª Dra. Eloisa de Mattos Höfling), aborda questões relacionadas à produção e à circulação do *Almanaque Histórico de Patrocínio Paulista*, S.P., obra analisada enquanto documento histórico. Investiguei o papel do poder público e da população local na escritura da história local (1986), bem como as visões de história e cidade que perpassam seus textos. Em relação à circulação do *Almanaque* analisei sua inserção no universo escolar do município (5 escolas), problematizando as noções de história local e regional no contexto educacional, bem como apontando para algumas possibilidades que a relação história-memória oferece ao ensino de História. No início de 2007 e sob a orientação da Profª Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani, defendi o

No que se refere à investigação ora focalizada, mantive o meu interesse em abordar a temática da cidade, na relação com os conceitos de História, Memória e Educação. Parto da inserção social do campineiro José de Castro Mendes (1901-1970) no universo local bem como das visões da cidade de Campinas, S.P., por ele elaboradas e divulgadas na imprensa local (série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, período: 1960-1965, publicada no jornal **Correio Popular**). A figura de José de Castro Mendes, como intelectual que produziu vários registros sobre a história campineira, se relaciona, também, a uma “batalha” entre visões constitutivas da história local produzidas, de um lado, por historiadores leigos, memorialistas e, de outro, por historiadores acadêmicos – sem desconsiderar, aqui, o papel das instituições às quais se vinculam tais produtores de cultura, como a imprensa e as universidades. Em que sentido ele reatualizou, ou não, determinadas imagens sobre a história local, produzidas desde o século XIX? Considerarei, na análise de tais fontes literárias, as transformações no cenário urbano campineiro decorrentes da expansão do ideário da modernidade capitalista – ideário em curso, na localidade, desde fins do século XIX. (GALZERANI:1998). A primeira metade da década de 1960 corresponde a um período de aceleração desta modernidade capitalista, no contexto nacional, marcada pelo denominado “desenvolvimentismo”. Campinas, então, passa por uma busca, também acelerada, da imagem de cidade-metrópole. Em que medida isto se relacionou à transmutação de imagens sobre a cidade e à necessidade de intérpretes da história local ?

Acredito que as visões constitutivas sobre a *cidade* podem ser tratadas do ponto de vista historiográfico e, também, do educacional. Assim, interessa-me investigar as potencialidades histórico-educacionais contidas na cidade, enfocada como patrimônio cultural.

A investigação em Barcelona (Espanha) ² teve como objetivo a coleta de dados que propiciasse o estabelecimento de aproximações pertinentes à construção, nestas duas cidades (Campinas e Barcelona), da concepção de *cidade moderna* e, no caso de Barcelona, também de cidade “*modelo*”; aproximações que colocassem em foco a própria cidade em termos de patrimônio cultural urbano na relação com a Educação, e que me possibilitassem um olhar mais ampliado ao contrastar experiências educacionais, tais como as de que participo, em Campinas, bem como algumas das colocadas em ação no território barcelonês.

doutorado na F.E. da Unicamp, investigação abordada neste artigo.

² Foi-me concedida uma bolsa de estudos, pela C.A.P.E.S., no período de agosto/2005 a janeiro/2006, para a realização do estágio de doutorado junto ao Departamento de Didática das Ciências Sociais, da Universidade de Barcelona, sob a orientação da Prof^a Dra. Mercè Tatjer i Mir.

Relativas à trajetória de desenvolvimento desta pesquisa, a questão-base pode ser assim colocada: em que medida a temática da cidade pode se constituir em possibilidades de produção de conhecimentos histórico-educacionais?³ A partir dela outras interrogações fizeram parte da construção do objeto a ser pesquisado.

A ampliação do debate historiográfico, nas últimas décadas do século XX, levou ao rompimento com a perspectiva tradicional do objeto de pesquisa histórica e, conseqüentemente, dos problemas e métodos a serem colocados. Tal debate historiográfico, por sua vez, faz parte do movimento mais amplo de profundos questionamentos dos paradigmas do conhecimento até então dominantes e a emergência de outros referenciais de análise da realidade. Ou seja, uma crise traduzida por polêmicas instauradas em vários campos do saber, em torno da pertinência de “velhos” e “novos” eixos estruturais do pensamento científico e na qual ganhou destaque a discussão modernidade – pós-modernidade.

Neste contexto, os domínios da História alargaram-se. A *História Cultural* proporcionou uma outra perspectiva de trabalho em torno do conceito de *cultura*, sendo esta enfocada de modo a abranger os inúmeros componentes do viver humano, tais como práticas, saberes, valores, sensibilidades, representações – ou seja, tudo o que se refere à criação humana socialmente constituída, à criação de sentidos que compõem o denominado *imaginário*. (PESAVENTO: 2004). Cabe ainda reforçar a pertinência dos pressupostos da denominada História Cultural, em termos das possibilidades abertas no que tange à problematização da cidade enquanto objeto de reflexão: para além do seu entendimento exclusivo com base em processos econômicos e sociais, a ampliação das fontes e dos problemas a serem colocados tornou possível o trabalho com discursos e representações da cidade, ou seja, com o imaginário urbano.

No final do século XX, passamos a ouvir com mais persistência a expressão *crise dos paradigmas*, expondo, por sua vez, as fissuras da *racionalidade* ordenadora de visões de mundo e produtora de saberes e constitutiva da denominada *modernidade capitalista* (CASULLO:2004). Então, se é uma “cultura histórica” que se coloca em jogo, faz-se necessário compreender a gestação e os fundamentos essenciais da consciência moderna; localizar os principais pontos criticados em relação a este corpo-referência cultural em seu

³ A referência teórica utilizada, relativa à *produção de conhecimento*, é o historiador E. P. Thompson. Cabe destacar que nos últimos tempos – e oriunda do campo educacional – há a tentativa de questionamento da racionalidade técnica e instrumental ligada ao conhecimento. Assim, a questão da *produção de saberes* visa oferecer uma dimensão mais ampla do saber, além daquele produzido no espaço acadêmico e autores, tais como Chervel, Goodson e, no Brasil, Ana Maria Monteiro, trabalham nesta direção.

desdobrar ao longo da história – incluindo o que os discursos denominados pós-modernos apontam como expressão da crise do projeto moderno na contemporaneidade. Ao traçar este percurso analítico em meu trabalho investigativo, pude reforçar minha postura teórica de considerar as crises da modernidade capitalista não como espaços notadamente de rupturas, mas, sim, de contradições; espaços permeados de continuidades e descontinuidades. Ou seja, considero que os fundamentos principais da sociedade e da modernidade capitalista estão em curso e têm se aprofundado no presente (ênfase na acumulação de capital e a decorrente desigualdade social; a sociedade de consumo; alterações bruscas nas noções espaço-temporais, com pertinente dissolução de identidades e experiências coletivas; o encolhimento do espaço público). Em termos de análise processual, devemos considerar as diferenças e semelhanças entre lugares; as continuidades e descontinuidades que permeiam a modernidade capitalista e suas crises, assim como as contradições constituintes da história.

Nesse sentido, o filósofo da história, Walter Benjamin (1892-1940), como um materialista dialético, não abriu mão da elaboração de uma crítica da modernidade capitalista que evidenciasse o contraditório a ela pertinente, mas, também, a parcela de utopia e da possibilidade redentora nela encerrada. Assim, é muito significativa a contribuição deste teórico no estudo das cidades: cidades modernas. Benjamin questiona a racionalidade técnico-instrumental negadora das contradições da história e da autonomia dos sujeitos e propõe-nos elaborações históricas nas quais a razão não se ausenta, mas está presente através de uma linguagem muito singular e ousada, já que dissonante dos padrões dominantes, expressa na força das alegorias, nas imagens de pensamento, nas imagens dialéticas por meio das quais se pode decifrar a *fisiognomia* da cidade moderna e produzir conhecimento histórico (BOLLE: 2000, 43). Propõe-nos o ‘olhar distraído’ que capta o não facilmente visível; o perder-se na cidade para reencontrar a si mesmo; o mergulho até as “impressões matinais” perdidas na dobras do tempo; convida-nos a uma viagem cujos trilhos da “racionalidade estética” nos oferecem a aventura, também, rumo às sensibilidades.

Um dos objetivos da investigação foi compreender como se apresenta a construção da Campinas moderna aos olhos de José de Castro Mendes (1901-1970), referenciando-me em parte de sua produção intelectual, notadamente na já citada série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, publicada no jornal campineiro **Correio Popular**: série que se constitui em um material inédito, marcado pela fragmentação em termos de periodicidade de publicação ⁴ e elaborado em um momento histórico de

⁴ O início da série deu-se em janeiro de 1960, sendo publicada durante o ano todo, semanalmente e aos domingos. Foi publicada em 1961 e, após um período de interrupção, retornou, esporadicamente, em 1965.

transformações no cenário urbano local. O contraste de imagens fotográficas de um mesmo lugar campineiro (“lugar de memória”, conforme Nora) em momentos históricos diferentes (início do século XX e início da década de 1960), aliado aos comentários tecidos por José de Castro Mendes, pareceram-me instigantes.

Procurei compreender esse personagem múltiplo, José de Castro Mendes (historiador local, escritor, crítico de arte, desenhista, etc) a partir, também, de sua inserção no universo social campineiro, sobretudo na relação com as instituições às quais ele se vinculou mais fortemente: o Centro de Ciências Letras e Artes (instituição fundada em 1901) e o jornal **Correio Popular** (fundado em 1927). Além de autodidata, foi um intelectual que teve a imprensa como veículo fundamental de divulgação de visões da história de Campinas. A análise da série “Campinas de Ontem e de Hoje...”, possibilitou-me acercar de tais visões, de forma a contextualizá-las, ou seja, na relação com a imagem de Campinas, “cidade moderna e metrópole”, fortemente divulgada na década de 1960. Neste caso, podemos dizer que a cidade se torna objeto de *educação política dos sentidos* (GAY:1988) por meio da idéia, não tão “nova”, do contraste entre o “ontem” e o “hoje”.

José de Castro Mendes se utilizou das imagens fotográficas de Campinas “Ontem” como memória congelada, a partir da qual constrói uma narrativa da história local: é a memória a serviço da história. Para além das discontinuidades percebidas no processo histórico local, ou de um ou outro tom nostálgico em relação ao passado, o que considerei prevacente na narrativa composta pelo autor é a linearidade estabelecida entre passado e presente; uma história que se apresenta por meio de uma continuidade importante: a que diz respeito às conquistas dos campineiros em relação à modernização, ao progresso constante e cujas imagens fotográficas do “Hoje” servem de testemunho. Ou seja, às conquistas situadas no passado “glorioso”, os campineiros souberam corresponder e agir, garantindo, assim, a manutenção desse ritmo progressista que legava à cidade características de cidade moderna (almejando por ser metrópole) a ostentar os arranha-céus como símbolo do desenvolvimento.⁵

Fez parte desta trajetória de pesquisa a busca de aproximações entre cidades, Campinas e Barcelona, considerando, nesse movimento, a *cidade* na relação com a *educação*. Procurei me acercar das imagens pré-configuradas sobre esta cidade moderna e “modelo”, Barcelona, que povoam nosso imaginário, já que divulgadas por discursos oriundos de vários campos – inclusive o educacional. Procurei ampliar o foco e perceber como se deu a

⁵ Considerando o universo vasto dos leitores, outras leituras podem ter sido feitas, além desta que considerei prevacente. Concebo os leitores como “operadores de caça” (Certeau) que se posicionam ativamente no ato da leitura a partir de seus referenciais culturais.

construção histórica destas imagens, assim como algumas das suas reatualizações e de alguns embates gerados no seio da sociedade local. Baseei-me, fundamentalmente, na pesquisa bibliográfica e incorporei, em minha análise, discursos veiculados pela imprensa alternativa local.

A seguir, busquei compreender como se apresenta a gestão pública da educação – formal, não formal e informal – em sua correlação com a gestão da cidade. Para isso, adentrei-me nos marcos teóricos que embasam o projeto de *Cidade Educadora*, em curso, em Barcelona, desde 1990, a partir da realização, no mesmo ano, do I Congresso de Cidades Educadoras, da respectiva aprovação da Carta das Cidades Educadoras, bem como o início da

materialização de Projetos Educativos de Cidade (PEC). Estes, expandiram-se ao longo dos anos, em nível internacional, com a adesão de várias cidades aos pressupostos da referida Carta.⁶

TRILLA BERNET (1999, 24-37) há algumas décadas teoriza a respeito da relação *educação e meio urbano* e no que diz respeito aos conteúdos da idéia de *cidade educadora* distingue três dimensões possíveis da relação entre cidade e educação. Vejamos:

1- *A cidade que contém educação* (“aprender na cidade”), o que pressupõe um meio urbano como contexto de acontecimentos educativos múltiplos, formado por: instituições educativas nos âmbitos da educação formal e não formal; equipamentos e instituições cidadãs estáveis e não especificamente educativos (museus, zoológicos, etc.); eventos educativos ocasionais (feiras, congressos, etc.); um conjunto difuso e permanente de espaços e vivências educativas, não planejadas pedagogicamente, mas que compõem a educação não formal da vida cotidiana.

2- *A cidade como agente de educação* (“aprender da cidade”), ou seja, o meio como agente informal de educação, pois é na cidade que ocorre a reunião de pessoas, idéias, objetos, técnicas – em suma, elementos culturais que têm a rua como espaço emblemático desse fluxo de relações. A educação informal não é seletiva e do ponto de vista educativo a cidade pode conter o melhor e o pior. Enquanto agente da educação cada cidade tem seu currículo oculto (conjunto contraditório formado, dentre outros, por formas de vida, valores, tradições, expectativas).

3- *A cidade como conteúdo educativo* (“aprender a cidade”), a cidade que ensina a si mesma, pois o conhecimento informal que gera o meio urbano é, por sua vez, conhecimento

⁶ Atualmente dez cidades brasileiras fazem parte da Associação Internacional de Cidades Educadoras.

sobre este próprio meio. Informalmente aprende-se a fazer uso cotidiano da cidade, a descobrir sua fisionomia e conhecer sua atualidade.

Além desta análise de nível *descritivo*, o autor elabora uma outra de nível *projetivo*, que pressupõe que as cidades devem educar, cada vez mais e melhor, ou seja, trata-se de considerar os critérios e tipos de atuação para dinamizar esta função educadora de cada cidade. Considerando que as ações políticas dos gestores de uma cidade são, também, ações educativas, quando se trata de uma *cidade educadora*, a gestão pública da educação deve ser compreendida na contemplação do arco mais abrangente formado pela gestão da cidade. Assim, em termos de planejamento educacional, trata-se de uma ampliação: do mapa escolar ao mapa educativo da cidade e, deste, ao projeto educativo da cidade (PEC). Este se constitui em uma ferramenta de transformação com vistas à construção de uma cidade desejável na qual o poder público, em articulação com a sociedade civil, almeja a promoção da cidadania por meio da educação.

Para além das concepções estritamente arquitetônicas ou de transformação urbanística que fazem parte da construção da Barcelona moderna, desde fins do século XVIII, podemos perceber nesta *cidade* a implementação de políticas públicas, a partir das gestões democráticas das últimas décadas, ancoradas no tripé *território, educação, cidadania*. Ao lado de um conjunto inegável de equipamento urbanos, do caráter participativo (e historicamente constituído) da população, do pioneirismo da proposta de *Cidade Educadora* percebe-se, por outro lado, que a constituição desse caráter moderno e “modelo” não se faz sem embates, sem tensões. Contradições entre o preservar, o transformar e o transformar preservando; a questão da especulação imobiliária e o problema habitacional local; a participação cidadã e o problema atual do “incivismo”, dentre outras questões, são indagações importantes quando refletimos sobre seus desdobramentos em termos de políticas públicas locais, inclusive no âmbito educacional.

TRILLA BERNET (1999, 35-37) nos diz sobre a “cidade como conteúdo educativo”, o que, por sua vez, se refere à aprendizagem informal da cidade e suas limitações em termos de “superficialidade” e de “parcialidade”, bem como ao papel da educação formal e não-formal para a superação das mesmas. Considerei ser este um ponto que diz respeito diretamente às práticas educacionais, em Campinas, mencionadas na minha pesquisa. Tais práticas podem contribuir no sentido de proporcionarem, aos sujeitos nelas envolvidos, possibilidades maiores de ampliação da leitura da cidade campineira de modo a percebê-la em sua composição de “muitas cidades objetivamente e subjetivamente diferentes” aparentemente

unificadas em um todo coeso; a aumentar o sentido de pertencimento, diretamente relacionado à construção de identidades e da cidadania participativa.

Ao lado das possibilidades acima mencionadas há, contudo, alguns desafios que permeiam nossas práticas, em Campinas. Em termos teórico-metodológicos, situei a necessidade de não perdermos de vista as necessárias articulações entre contextos locais e globais, bem como a leitura “à contrapelo” que traz à tona o caráter contraditório e dialético da história, fugindo, assim, de interpretações lineares e bairristas; igualmente, a busca da ampliação da percepção da cidade em suas dimensões múltiplas de espaços-tempos, para além do tempo linear, etapista e progressista e na incorporação dos tempos da memória: fragmentado, sensível, marcado pela lembrança e pelo esquecimento, tempo ativo posto que a rememoração nos coloca em posição de sujeitos da história rumo a outras relações com o presente vivido coletivamente na cidade.

Em termos político-institucionais, remeti à necessidade de superarmos a precariedade das relações entre as diversas instituições patrimoniais, instituições e organizações educacionais formais e não-formais e o poder público, com vistas à ampliação de propostas educacionais que tenham a cidade de Campinas como foco. E, ainda, a superação da fragmentação dos projetos na área da educação não-formal devido à dependência de recursos econômicos e da vontade política para levá-los a termo.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representações da História em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.

CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a Locomotiva da Cidade Moderna. Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Campinas, 1998 (Tese de Doutorado), IFCH, Unicamp

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TRILLA BERNET, Jaume. *Un marc teòric: la idea de ciutat educadora*. In :**Les ciutats que s'eduquen**. Temes d'educació. n.13, Diputació de Barcelona, julio de 1999, Pp.13-51.